



## CINEMA AVENIDA

- Ha porventura, maior amôr que o de mãe?
- Não! nos responderá

# A impossivel Sra. Bellew

na Segunda-feira, 11

no CINEMA AVENIDA

Toilettes luxuosas e originaes! Scenas de grande  
sentimento! Enredo admiravel e moral!





## CINEMA DE 30 DIAS

### RESPOSTA A UMA CARTA ABERTA



QUANDO em S. Paulo se apresentou, pela primeira vez, a película «Areião», do sr. Camilo Mastrocinque, o sr. Fernando de Barros, que escreve agora sobre Cinema num canto de coluna do jornal «Última Hora», houve por bem endereçar, conforme é de sua predileção, uma «carta aberta aos que não gostam do cinema brasileiro», muito embora — dizia ele — tudo ignorasse a respeito de «Areião», conhecesse apenas de vista o seu realizador e nada soubesse acêrca de seus produtores. Mas de algo sabia ele positivamente: é que para «Areião» aparecer ao julgamento daqueles que não gostam do cinema brasileiro muito esforço fôra consumido, muita luta fôra travada, muito desespero teve que ser recalçado por quantos trabalharam na fita do sr. Mastrocinque. «Ora — prossegue ipsis literis, aquêlé cronista — acontece que, na maior parte dos casos, os que não acreditam estão julgando sem verem o progresso nítido e preciso por que tem passado o nosso cinema nos últimos tempos. Temos evoluçionado, amigos, temos mesmo muitos motivos para nos começarmos a orgulhar do nosso esforço».

Deixando de lado êsse fato espantoso — um português escrevendo tão mal a sua língua, coisa que até agora só aos brasileiros acontecia —, queremos salientar, apenas, outro fato não menos espantoso: o redator de «Última Hora», também ele julgou «Areião» sem ver a fita, sem nada conhecer a respeito de seus realizadores e, ignorando tudo, veio a campo bater-se sob uma bandeira inglória: a dêsse bando de piratas nacionais e estrangeiros, que a todo tempo vocifera e calunia os que, possuídos por um senso de dignidade acima de qualquer interesse, apontam e combatem os malfeteiros que livremente tripudiam, à tripa fôrra, sobre o corpo de um patrimônio nacional periclitante, à beira agora de um abismo: o Cinema Brasileiro. Um passo a mais e ei-lo desaparecido para sempre.

Ora, para o aludido cronista os que não aceitam essa situação alarmante, êsse momento de vida ou de morte em que se mantem o nosso cinema e os que, indiferentes ou desiludidos, por não acreditar em mais nada, não entram numa sala de exibição enquanto nela se projetar uma fita feita neste país, para êle ambos os lados formam um grupo só: os dos que não gostam do cinema brasileiro. Pois, embora estejamos entre aquêles que pagam religiosamente seu ingresso tôda a vez que se apresenta uma fita executada no Brasil, seja ela assinada pelo sr. Fernando de Barros, pelo sr. Fenelon ou por Cavalcanti, embora, pois, não percamos um só dêesses espetáculos, confessamos sem pestanejar que não gostamos disso que ainda hoje se timbra em chamar de cinema brasileiro. Por que será «Cinema Brasileiro» êsse produto suspeito, por vêzes imoral e chulo, que uma lei insensata faz ter livre curso em nossas salas? Será «Cinema Brasileiro» essa obra, às vêzes fruto criminoso de fraude e dolo, com que muito aventureiro consegue até enriquecer? Será «Cinema Brasileiro» as «Liana, a pe-

cadora», as «Esta é fina», as «Alameda da Saudade» e não sabemos mais quantas saídas do bestunto ignorante ou da velhacaria sem medida de nossos inefáveis «cineastas»? O próprio «Areião» será «Cinema Brasileiro»? Acreditamos que até para o sr. Fernando de Barros a fita de Mastrocinque, feita com muito esforço consumido, muita luta travada e muito desespero recalçado, não represente o que, de boa fé, se possa considerar como fazendo parte do acervo cultural e artístico do Brasil. Pois, não foi o mesmo cronista quem, alguns dias depois de seu apêlo patético (ainda que mal escrito...), em prol de «Areião» nas colunas de «Última Hora», veio a público, pelas mesmas colunas, denunciar a patacoada do sr. Mastrocinque, a cobrir de ridículo nas telas de Veneza o nome do Brasil e o de seus verdadeiros cineastas?

Afoito, laborou o sr. Fernando de Barros uma contradição flagrante: implicitamente, chamou de levianos aquêles que não gostam do cinema brasileiro, porque, no seu entender, estabelecem o seu julgamento em estado de ignorância; mas não trepidou em prejudicar «Areião», ignorando tudo a respeito de sua estrutura técnica, sem nada saber acêrca de seus produtores e apenas conhecendo de vista o sr. Camilo Mastrocinque, um dos principais causadores da vergonha que nos cobriu em Veneza, por ocasião de seu último festival.

O mais lamentável contudo é que faça o sr. Fernando de Barros o papel de «inocente útil», envolvendo até o nome digno da empresa de que é produtor, no trabalho de sapa dêsse grupo daninho de totalitários para o qual tudo vale, até a calúnia e a difamação, até um congresso de cinema, na poluição sub-reptícia de um patrimônio artístico nacional, em formação embora, mas que poderá vir a ser algo de grande e nobre.

Tenham mais cautela, em futuro, os críticos «patriotas» ao escrever suas cartas abertas. Pois a resposta poderá vir de fora, de Veneza, de Cannes, de qualquer lugar...

1966  
Ano 2, n.º 24, mar. 19  
V 565-66